

## APOTEOSE SIMBÓLICA ÀS MARGENS DE UM RIO: O ENREDO DA PORTELA EM 2017 PELA PERSPECTIVA DO IMAGINÁRIO

## APOTEOSIS SIMBÓLICA A LOS MARGENES DE UN RÍO: EL ENREDO DE PORTELA EN 2017 POR LA PERSPECTIVA DEL IMAGINARIO

Heloisa Juncklaus Preis Moraes<sup>1</sup>

Luiza Liene Bressan<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto faz uma discussão dos principais conceitos da teoria do Imaginário, especialmente por Durand (2002) e Bachelard (2016) analisando o enredo da escola de samba Portela no ano de 2017. A partir deste texto cultural, tendo como método a hermenêutica simbólica e, como técnica, a mitocrítica, ressaltamos o rio como principal mitema e a águia como símbolo de pertencimento. A imaginação material está ancorada no elemento água e no rio como metáfora para a própria escola de samba e todo o seu devir.

**Palavras-chave:** Imaginário. Enredo. Rio. Água. Águia.

**Resumen:** Este artículo es una discusión de los conceptos clave de la teoría de Imaginarium, especialmente por Durand (2002) y Bachelard (2016) el análisis de la trama de la escuela de samba Portela en el año 2017. A partir de este contexto cultural, con la hermenéutica simbólica como método y como técnica, la mitocrítica, destacamos lo río como principal mytheme y el águila como símbolo de pertenencia. La imaginación material está anclado en el elemento agua y lo río como metáfora para la escuela de samba y todo su devenir.

**Palabras-clave:** Imaginarium. Parcela. Río. Agua. Águila.

### Um rio na avenida

As disputas de samba enredo começam muito antes de este ser entoado na avenida. É composto e defendido a partir do enredo proposto pela escola de samba. Para 2017, o enredo da Portela, uma das principais escolas do Rio de Janeiro, é *Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver esse rio passar*, assinado por Isabel Azevedo, Ana Paula Trindade, Simone Martins e Paulo Barros. Além de servir de base para a criação do samba-enredo, a sinopse do enredo, este texto escrito e divulgado pela escola<sup>3</sup>, dá uma expectativa de como a mesma vai desfilar na avenida, nos apresentando a ideia central, mas também as imagens (no sentido amplo do Imaginário) que serão expressadas ao longo da avenida até a Apoteose final.

<sup>1</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Tubarão, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [heloisapreis@hotmail.com](mailto:heloisapreis@hotmail.com)

<sup>2</sup> Centro Universitário Barriga Verde. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Tubarão, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [luizalbc@yahoo.com.br](mailto:luizalbc@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Texto disponível na página oficial da escola: [www.gresportela.org.br](http://www.gresportela.org.br)

O que nos chamou a atenção na divulgação do enredo pela escola é que a construção da narrativa que vai guiar o desfile pode ser metáfora da perspectiva do Imaginário, debatidas especialmente por Bachelard, que relaciona o imaginário ao encontro entre homem e natureza, e Durand, ao estabelecer as estruturas sensíveis do imaginário. Começa assim o resumo do enredo: “O rio inspira os homens. De suas águas, pescam o sonho, colhem a história e o encantamento”. Portela, simbolicamente ganha a fluidez da água, e permite pensar na criação de todas as imagens, projeções, sonhos, enfim, da vida. Assim, nossa proposta é pensar, a partir do enredo da Portela, enquanto manifestação cultural, os pressupostos da antropologia do imaginário colocados em cena: mitos, símbolos, arquétipos, imaginação material, recorrendo aos conceitos teóricos, relacionando-os às imagens presentes no texto.

O enredo é um texto que, na prática, expressa o devaneio poético, especialmente através do elemento água, do qual tanto nos fala Bachelard (2016). Mas também, traz os elementos essenciais para entendermos o trajeto antropológico, apresentado por Durand (2002). O texto é, em si, poiético ainda que sua função seja guiar a passagem da escola na avenida. Poucos, dos que cantarão apaixonadamente o samba e assistirão ao desfile, tiveram conhecimento do enredo. Mas ele é uma narrativa carregada de sentidos. Texto cultural que serve de ponte entre o samba de Paulinho da Viola e aquele que será repetido durante o trajeto da escola na Sapucaí. Museu de Imagens, pois, afinal, como já nos afirmou Pitta (2005, p. 100), os *trends* memorizados pela cultura são reempregados, imersos na bacia semântica. “Uma sociedade possui uma memória armazenada nas suas instituições informativas: monumentos, documentos, documentos, modos de vida, línguas naturais, etc” e “esta memorização autoriza a reutilização que se manifesta por ressurgimentos de estilos, de modos diversos, de mitologemas” (DURAND, 1996, p. 164). As reutilizações não são repetições mecanicamente estereotipadas. Durand apresenta o conceito de re-injecção para explicar cada utilização: “modificada pelo crescimento das existências de informação e elas entalham num conjunto sociocultural aquilo a que chamamos ‘bacias semânticas’, identificadas por regimes imaginários específicos e mitos privilegiados”. Silva (2003, p. 11) sintetizou: “pode-se dizer que o imaginário é o trajeto antropológico de um ser que bebe numa ‘bacia semântica’ (encontro e repartição das águas e estabelece o seu próprio lago de significados”.

A formação da bacia semântica segue seis etapas, cronologicamente irregulares, mas que também utiliza metáforas ligadas ao elemento água: escoamento, separação das águas,

confluências, nome do rio, ordenamento das margens (conceituais ou ideológicas) e declínio: meandros e deltas. A bacia semântica permite evidenciar as repetições cíclicas que assinalam uma cultura. Há um movimento de identificação de uma cultura, sociedade ou grupo, marcado, também, pelo “movimento de redundância que assinala, ao grupo em questão, a perenidade de sua pertença” (DURAND, 1996, p. 178). Assim como o rio e a águia, tão redundante e metaforicamente exaltados no texto e, mais ainda, como símbolos de pertencimento à agremiação.

Já nos disse Bachelard (citado por FERREIRA-SANTOS e ALMEIDA, 2012, p. 7) que não devemos estudar racionalmente as imagens e sim “acompanhar seu movimento e se inscrever nas suas constelações, de maneira poética, para compreender a obra humana”. Estamos propondo aqui o caminho inverso: a partir de um texto cultural, pensarmos o imaginário. Os sambas-enredo estão marcados por padrões arquetípicos, cuja linguagem primária e irredutível é o discurso metafórico dos mitos (DE PAULA CARVALHO, 2000, xii), que podem “ser entendidos como padrões universais da existência humana”. Estamos aqui considerando a importância da função simbólica da cultura, expressa seja nas artes, na religião, arquitetura, música, histórias de vida, ou seja, no nosso cotidiano. Porque, aí está, a alma, a formação sensível mitopoética. Supinic (citado por DE PAULA CARVALHO, 2000, p. 5) enfatiza que a música, mais do que uma forma elevada de arte, é expressão de sentimento. O enredo apresentado pela escola, guia para a criação poética dos sambas-enredo, vai tecendo este trajeto.

O rio que nasce e forma sua história no percurso é fonte de vida para a águia, é seu trajeto antropológico e forma a bacia semântica da agremiação. Apoiamo-nos na hermenêutica simbólica, “ramo da filosofia que se ocupa da interpretação de textos e discursos e busca compreender, interpretar, traduzir o sentido de uma obra” (ALMEIDA, 2011, p. 17). Logo, este estudo é desenvolvido através de uma pesquisa descritiva e bibliográfica, de abordagem qualitativa, tendo como fundamentação teórica o imaginário. Para a análise, temos como técnica a mitocrítica, que nos permite apresentar o sentido simbólico de um texto cultural. Esta técnica parte do pressuposto, através do estudo de obras literárias, artísticas, histórias de vida e narrativas de modo geral, que há um relato mítico inerente à significação da narrativa como um todo. “O mito decompõe-se em alguns ‘mitemas’ indispensáveis que lhe conferem sincronicamente um sentido arquetípico, mas, diacronicamente, ele é apenas constituído pelas lições” (DURAND, 1996, p. 155).

Tomando o rio como mitema principal, vamos entrelaçando as discussões teóricas com o texto cultural em análise e suas recorrências simbólicas. Partimos da especificação de que “são os mitemas os responsáveis pela identificação do mito que ancora os símbolos partícipes de uma obra literária” (ALMEIDA, 2011, p. 30), sendo aqueles pontos fortes e repetitivos da narrativa. Não apresentaremos uma seção específica de análise, mas já vamos costurando a hermenêutica simbólica às categorias teóricas para cumprimento do objetivo que é justamente fazer a discussão das principais concepções do Imaginário através da narrativa que o enredo da Portela de 2017 nos apresenta.

### **As encantarias de um rio e uma águia**

Interessante categoria nos apresenta Paes Loureiro (2007): as encantarias. Ao pesquisar o imaginário da Amazônia, discorre sobre a realidade mágica que emerge dos rios, “natureza convertida em sentimento. Enfatizam Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 139) que “o conceito nos auxilia a entender as expressões da cultura popular, ... como também da estética poética, fílmica, plástica, etc”. Voltado especialmente à cultura amazônica, Paes Loureiro (2007) traz o termo “encantaria da linguagem” para localizar a sua poesia e os fundamentos de sua arte poética, especialmente ligada ao elemento água e o conceito das encantarias: “espécie de Olimpo submerso nos rios da Amazônia, onde habitam os encantados, os deuses da cultura amazônica – e a atmosfera universal que impregna toda poesia”. O enredo traz muitas destas imagens, encantarias de um rio: na sessão *Seres do Rio* aparecem a Cobra-Grande, Boiuna, Iara, dragões, aguapés e crocodilos (PORTELA, 2017).

O que vemos no enredo da Portela, texto cultural e que reforça a socialidade e pertencimento de um grupo, está carregado dos elementos que Durand apresenta para uma antropologia do imaginário. Este, entendido na definição do próprio autor (2002, p. 12), como o “conjunto de imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens” que ordenam todos os procedimentos do “espírito humano”. Logo, é “tanto o museu de todas as imagens passadas ou possíveis quanto os procedimentos, mentais como materiais, de produzir imagens”. Os elementos pelos quais vemos a manifestação do imaginário são os *schémes*, arquétipos, símbolos e mitos, tão presentes, como veremos, na sinopse do enredo.

A convergência, o isomorfismo e a totalidade das imagens, traços fundantes da antropologia do imaginário proposta por G. Durand (2002), estão presentes nas atitudes

imaginativas que dão sentido à vida e orbitam entre dois pólos: as intimações subjetivas e as interpelações socioculturais. As fontes da imagem simbólica estão presente nestes dois marcos reversíveis a que o autor (2002, p. 41) chamou de trajeto antropológico: “a incessante troca que existe ao nível imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”.

Ou seja, as imagens sobre as quais escrevemos, cantamos e expressamos por qualquer ordem artística, estão no nosso cotidiano, nesta interconexão entre a subjetividade e a socialidade a qual nos inserimos (ou que nos interpela). Não há fatos existentes em si: é necessário alguém que lhe dê existência. As imagens cantam a realidade. Bachelard nos fala que as imagens são sublimações dos arquétipos. Ademais, o sentido imaginal de uma escola de samba se propaga pelo som (de seu samba-enredo), mas também no sentido de espaço-tempo compartilhado (caixa de ressonância de significações), presente já na sinopse do enredo. Pulsação compartilhada, vibração em conjunto, partilha de imagens e de pertencimento.

O imaginário enfrenta o tempo e a morte, símbolos da angústia existencial. As atitudes imaginativas são, em última análise, uma alternativa à certeza da finitude. Durand afirma que as pessoas estabelecem estruturas de sensibilidade e de resposta à essa consciência de finitude e é a partir dessas estruturas que propõe a sua perspectiva da antropologia do imaginário (2002). Estas estruturas estão ancoradas na máxima do eterno retorno, afirmativa de que “a formulação dos sentidos, de imagens, de símbolos não é ilimitada nem progressiva” (FERREIRA-SANTOS e ALMEIDA, 2012, p. 72). Há, pois uma invariância antropológica: o universo simbólico “retorna eternamente na dinâmica do imaginário”, repetindo (embora atualizados) os gestos exemplares e paradigmáticos. E é por isso que os mitos e narrativas simbólicas fazem sentido socialmente. E, os textos culturais estão carregados destas imagens, como veremos no enredo. “No desfile da Portela, essas divindades representam as poderosas relações entre o homem e a natureza, principalmente com os rios. Definem culturas milenares, pois são ícones representativos desses povos até hoje” (PORTELA, 2017).

Os arquétipos são, em Durand (citado por FERREIRA-SANTOS e ALMEIDA, 2012, p. 136), “uma forma dinâmica, uma estrutura que organiza as imagens, mas sempre ultrapassa as concretudes individuais, biográficas, regionais e sociais da formação das imagens”. Enquanto o símbolo é variável e depende da recorrência simbólica para ganhar pregnância, o arquétipo é invariável (ainda que se ligue ao símbolo para sua manifestação).

“O símbolo é detentor de um essencial e espontâneo poder de repercussão, revela pouco a pouco, o indizível de seu sentido” (DURAND, 2002, p. 31).

Assim, como bem definem Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 138), “a multiplicidade variante e ambivalente dos símbolos se liga à invariância e à universalidade dos arquétipos, que, por sua vez, realizam a re(a)presentação dos esquemas que caracterizam a dinamicidade da imaginação, estando estes últimos ligados às dominantes reflexas”.

O mito é uma forma de socialização. “Os mitos se baseiam nas experiências das pessoas de uma dada comunidade, num tempo e espaço determinado, portanto, decorrentes da necessidade social” (GOMES, 2009, p. 78), ainda que seus temas básicos sejam sempre os mesmos, atualizados, em diferentes épocas e povos. “Os mitos ajudam a viver porque a sua mensagem é sabedoria de vida, porém a sua captação não é intelectualizada, mas vivencial” (GOMES, 2009, p. 76). Exatamente como podemos perceber em um texto cultural divulgado, mas também vivido porque cheio de sentido, em uma escola de samba. Especialmente este em análise fala de si (enquanto grupo). Trazemos novamente Gomes (2009, p. 84) que tão bem faz esta relação quanto às questões de pertencimento: “O mito molda o social quando justifica certa ordem sociocultural, quando harmoniza mente e corpo nas diversas passagens da vida humana ou quando organiza o trajeto antropológico de um grupo”. Por isso, “prima matéria, a água doce está associada aos mitos de criação do universo das antigas civilizações. É a manifestação do sagrado nas religiões e a maior riqueza das sociedades modernas” (PORTELA, 2017). A força do mito de criação também é racionalização, ainda que carregada de afeto, da criação deste rio, aquele que conta a história da Portela.

Trazemos aí o conceito de transubjetividade da imagem (BACHALARD citado por UMEDA, 2011, p. 78): capacidade de, através de imagens, entrar em contato, efetivamente, com outros sujeitos. Porque utilizar imagens arquetipais, símbolos e mitos para contar a sua história, sua força e marcar presença na avenida é uma forma de socialidade e de promover o sentimento de pertença. A imagem, na perspectiva da antropologia do imaginário sob a qual nos debruçamos, é dinâmica, tomada de um “vigor”, cinético e processual. Daí vem o alerta de Cassirer de que não devemos nos preocupar com a forma do símbolo, mas com sua força. A força do rio e da água.

O enredo, no título, já recorre à memória afetiva daqueles que integram ou simpatizam com a agremiação: *Foi um rio que passou em minha vida e meu coração se deixou levar* canta, já como clássico, a paixão pela Portela. Maffesoli (2000) apresenta o imaginário como um patrimônio tribal, uma fonte comum, partilhada, de sensações,

lembranças, afetos, estilos de vida. “Não se trata mais da história que construo, ..., mas do mito do qual eu participo. Podem existir heróis, santos, figuras emblemáticas, ... matrizes que permitem a qualquer um reconhecer-se e comungar com os outros” (MAFFESOLI, 2000, p. 15). Seja nas águas de um rio ou nas asas de uma águia. A viagem é mágica e coletiva.

O mito fornece os sentidos necessários para o homem se situar no mundo, é a base das produções simbólicas do imaginário. É a potência criadora e mediadora da vida individual e coletiva, está na base das atividades psíquicas, das narrativas biográficas, rege a vida social, as formulações ideológicas, as narrativas históricas etc (ALMEIDA, 2011, p. 23).

Umeda (2007, p. 39) acrescenta que “os registros literários das narrativas míticas perfazem um campo significativo do amplo repositório de imagens através do qual a História constrói, demarca e lega, geração após geração, a riqueza da experiência humana”. Assim, teórica e especialmente no texto cultural em análise, “o mito é, portanto, uma forma simbólica que faz a mediação do homem com o mundo, com o outro e consigo mesmo, na busca de um sentido para sua experiência em particular, e para a existência, de modo geral” (ALMEIDA, 2011, p. 22).

Assim, como já falamos do eterno retorno e, ainda que não estejamos conscientes disso, formulamos narrativas com estruturas e imagens míticas, pois há continuidade entre as antigas mitologias e os relatos culturais modernos. “Tal constatação resgata a importância do mito na forma como engendramos e compreendemos a realidade” (ALMEIDA, 2011, p.15).

### **As águas da Portela: pistas para um banho de sonhos na avenida**

Os sambas-enredos se configuram como narrativas que objetivam conduzir uma escola de samba durante os 80 minutos, tempo determinado para que esta faça sua passagem pelo sambódromo. À medida que a escola evolui na avenida, o enredo vai se sendo interpretado pelas diversas alas que a compõem. Além de interpretar o samba por meio da melodia e da dança, as alegorias e fantasias vão costurando tanto o percurso espacial quanto o antropológico, em que as pulsões se constituem potências poéticas a contar com maestria a trajetória da escola naquele espaço/tempo que se eterniza no desfile.

O samba-enredo que conduzirá o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela tem como elemento condutor a água, assim como o enredo, já que o rio, em imagem, expressa simbolicamente a agremiação. Assim, a partir dos estudos bachelardianos (2016) sobre o elemento água, iniciamos a análise da narrativa do enredo. Primeiramente vale destacar que o

elemento água faz parte da Imaginação material proposta por Bachelard. O filósofo divide a Imaginação em dois tipos: Imaginação formal e imaginação material. A primeira, impulso na representação da natureza ou de acontecimentos vividos, relacionada ao estabelecido, a forma, figuração lógico-matemática do mundo. Já a material se deixa ser tocada pela natureza e pelos acontecimentos para trazer à tona algo que está internamente. “Imagem da matéria que favorece a compreensão poética do mundo, ... própria do devaneio da imaginação poética. Bachelard as coloca como complementares e, pelos estudos da imaginação material, “criou a psicanálise dos quatro elementos, um sistema de análise poética que propicia categorias estéticas para compreensão da arte” (GOMES, 2009, p. 55). Água, terra, fogo e ar são elementos de transformação dos impulsos imaginativos em visões de mundo.

Interessa-nos, aqui, o elemento água pela força materializante na narrativa simbólica. “Na mitologia, a água é interpretada em sua imagem: no maternal, gerando vida; na violência, engolindo os homens; no espelhamento, refletindo Narciso” (GOMES, 2009, p.60). A água, ensina-nos Bachelard (2016, p.11) é primordial, pois “uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável”. E neste impulso criador inesgotável é que se expressa no enredo da Portela, guiado pelas águas que ora são de uma fonte clara e tranquila, ora são do mar, em outro momento são de um rio que lava e purifica. De todos os ângulos que olharmos, as águas da Portela encontrarão o mar, síntese de todas as águas universais. Dessa forma, o enredo organiza um campo semântico em torno do elemento água, pois, da unidade menor, a fonte, vão se compondo rios que apontam para uma unidade maior, para a universalização, para o mar.

O enredo, que também estrutura o desfile, é composto de um resumo seguido das etapas do desfile, assim intitulados: abertura, o passado é um presente do rio, seres do rio, a vida pulsa na beira do rio, a alma dos rios, meu coração se deixou levar. “Baila o rio azul, entre saltos e corredeiras, e a cada curva revela uma nova aventura” (PORTELA, 2017) parece apresentar a narrativa que vem cheia de possibilidades. Vem aí, pelas águas deste rio, inúmeras imagens que socializam afetos. “Nessas águas azuis, encontram-se muitas culturas, histórias e credos, lendas e mistérios” (PORTELA, 2017).

Ainda em Bachelard (2016) a água é uma realidade completa e princípio de tudo, pois é o elemento das misturas. A proposta da narrativa do enredo da Portela está na experiência simbiótica de misturas sugeridas pela água que se dilui na passarela, num

espetáculo de imagens ressignificadas. Pode-se perceber que as águas formam a potência poética que extravasam a poesia, seja escrita, entoada, vestida ou nas batidas da bateria. O imaginário funciona, aqui, como salienta Silva (2014, p.29): “um fecundador e também como organizador da vida dos homens, uma instância mediada na relação do homem consigo mesmo, com o outro e com o mundo. O imaginário é um sistema dinâmico e organizador de símbolos (imagens), que possibilita integração e livre circulação entre a via racional e a via imaginária”. Está no enredo: “o homem e o rio estão ligados pelo corpo e pelo espírito. Os artistas, músicos e cantadores, arquitetos e escritores incorporam a alma do rio e refletem suas imagens” (PORTELA, 2017).

A água, para Bachelard (2016), é o mais feminino dos elementos. Traz um tipo de intimidade e um tipo de destino, aquele que se metamorfoseia incessantemente o próprio ser. “A água é um elemento transitório...O ser votado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente” (BACHELARD, 2016, p. 7). Como expressa o enredo: “O rio é novo porque está sempre em movimento e nunca passa duas vezes no mesmo lugar” (PORTELA, 2017).

O devaneio através da água permite encenar as alegrias da evasão, movimento de vai e vem, cíclico, tal como a água, bem como a presença daquilo que emerge do interior para a superfície. A realidade poética através da água possibilita metamorfoses, pois um elemento em vertigem, morre a cada minuto, mas renasce. A imagem dá expressão ao poeta, é um vir-a-ser, coloca-se como potência e fascinação. Essa vontade de potência, característica das águas de um rio, são assim expressas no enredo: “O homem tira a vida do rio. A vida é como um rio em direção ao seu destino”. E, ainda, “Baila o rio azul, entre saltos e corredeiras, e a cada curva revela uma nova aventura” (PORTELA, 2017).

A fonte, nas civilizações antigas, eram vistas como “lugares essencialmente sagrados, pois era aí onde ocorriam as hierofanias, as manifestações do poder divino (CAVALCANTI, 1997, p. 207). Assim, na narrativa do enredo, a fonte é a imagem evocada para que o imaginário do desfile seja construído. E a da fonte, chega-se ao ribeirão “Onde mora o mistério, tem sedução Mitos e lendas”. O ribeirão abriga as imagens do mistério, seduz ao se reportar aos mitos e lendas que dele emergem e se revigoram para que a correnteza do rio lave e conduza a escola durante o desfile. Os rios “simbolicamente são emanções da totalidade Pai-Mãe original. Eles se originaram do ponto central, a manifestação visível do Uno, de onde tudo vem e para onde tudo retorna” (CAVALCANTI, 1997, p.99). Com a proteção deste rio, a escola seguirá à apoteose, as águas vão conduzindo o

azul e branco da escola, criando o rio “de águas para benzer e de águas para clarear”, pois como afirma Cavalcanti (1997, p.101) “os rios podem ser imaginados, poeticamente, como o sangue da terra, como a seiva que, percorrendo o seu corpo, mantém a sua vitalidade, impedindo que a terra resseque e não frutifique.”

A partir desta simbologia, a escola constrói o que se chama de “enredo” que norteia a passagem da escola pela avenida. Pela composição do samba que alude aos elementos aquáticos, a escola construirá uma narrativa mitológica, atualizando mitos já consagrados na história da humanidade. Para Cassirer (1961, p.40): “O mito é um dos mais antigos e poderosos elementos da civilização humana. Está estreitamente ligado a todas as outras atividades humanas – é inseparável da linguagem, da poesia, da arte e do primitivo pensamento histórico. A própria ciência pagou tributo ao mito: a alquimia precedeu a química, a astrologia precedeu a astronomia”.

Desse modo, reatualizando os mitos d’água, o enredo percorre as simbologias relativas aos mitos que são ativados a partir do elemento água, construindo o que Cassirer nomeia como pensamento mítico, pois esclarece que o mito não nasce somente de processos intelectuais. Em suas palavras “brota das emoções profundamente humanas (CASSIRER, 1961, p. 64).

Concordamos com o autor, pois a construção do enredo de uma escola de samba é um ato racional, intelectual, mas é, também, emocional, por que não dizer, passional.

### **A Águia: a expressão do soberano**

É bastante recorrente o uso de animais-símbolo em agremiações esportivas, recreativas e similares. As escolas de samba também elegem estas simbologias que, geralmente, guiam a escola no trajeto do sambódromo. Normalmente, os animais-símbolo vêm como abre-alas da escola, pedindo passagem para os sambistas.

A Portela tem como símbolo a águia, considerada a rainha dos pássaros. Sua majestade está inscrita desde os primórdios da civilização como mensageira, substituta e, até mesmo, como a encarnação do fogo celeste e da mais alta divindade urânica (RONECKER, 1997).

Considerada a substituta do sol nas mitologias asiática, norte-asiática, ameríndias do Norte e do Sul, a águia portelense carrega estes símbolos, emprestando nobreza a escola que a venera, pois ela é responsável pelo ritual iniciático da escola no sambódromo. As

grandiosas asas da águia impulsionam os voos mais altos e “traduz a elevação espiritual, referindo-se aos estados superiores do pensamento e da alma” (RONECKER, 1997, p.98).

Com esta potente simbologia, a águia carrega consigo uma escola que mergulha num enredo aquático em cujo espelho a poderosa ave não só vê o enredo da escola desfilar, mas o compõe. “A águia bebe dessa água cristalina em sua nascente, onde brota o bem mais precioso criado pela natureza. No berço do samba, o pássaro abençoa a passarela, leito do rio da Portela” (PORTELA, 2017).

Faz o corpo arrepiar e o som da batida da bateria, assemelha-se às batidas do coração. O enredo é um chamamento à esta poiética: transformar as pulsões, recheadas de arquétipos e mitos, em hino. Pronta para transbordar de sentido sua própria incompletude. “Por isso, ... insere-se no mesmo universo imaginativo do simbolismo visual e do devaneio literário”. Trava relação com os afetos. (UMEDA, 2011, p.72).

A águia, aqui, tem pregnância simbólica enquanto arquétipo e símbolo profundo que põe em narrativa e expressa em forma de cultura. Além disso, interpela laços de pertencimento. É nas asas da águia que os portelenses sentem-se abrigados. E, ainda, seu voo expressa a potência: de liberdade, da viagem na avenida, de buscar os sonhos e representa-lo a cada ano com uma nova roupagem. Mas ela estará sempre lá, imponente, abrindo alas. “A Águia encantada bebe a água sagrada e abençoa aqueles que respeitam os mistérios da fonte da vida” (PORTELA, 2017).

### **Para os próximos desfiles**

Quem estiver no tempo-espço compartilhado pelo enredo, seus símbolos e ritmos, certamente vai deixar o corpo arrepiar ao ver aquele rio passar, pois a proposta da escola apresenta que nas “águas azuis, encontram-se muitas culturas, histórias e credos, lendas e mistérios... Arrastam o povo, cantando a música que só um rio pode inspirar... Cobre a Sapucaí o manto azul e branco da Portela. Salve o rio, salve a Santa, salve ela!” (PORTELA, 2017). Como vimos, a narrativa do enredo, enquanto texto cultural, nos permite uma discussão sobre a perspectiva do imaginário e suas configurações no cotidiano. O enredo da Portela, aqui analisado, é uma mostra de que as imagens tem um sentido arquetipalmente (e historicamente) enraizado, mas que fazem sentido no social. Porque é ali que ganham a força do afeto, do pertencimento.

## Referências

- ALMEIDA, Rogério de. *Mitocrítica e mitanálise: no campo da hermenêutica simbólica*. In GOMES, Eunice Simões Lins (org). *Em busca do mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins e Fontes, 2016.
- BAPTISTA, Fernando Paulo. *A rede lexical do Imaginário: clave para uma leitura deste conceito*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- CASSIRER, Ernst. *O mito do estado*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1961.
- CAVALCANTI, Raissa. *Mitos da Água*. As imagens da alma no seu caminho evolutivo. São Paulo: Cultrix, 1997.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério de. *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Képos, 2012.
- GOMES, Eunice Simões Lins. *A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes: quando a imaginação molda o social*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.
- \_\_\_\_\_; SILVA, Leyla Thays Brito da. *O prantear feminino – da dor ao heroísmo: uma análise mitocrítica no Evangelho Apócrifo de Pedro*. In GOMES, Eunice Simões Lins (org). *Em busca do mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- PAES LOUREIRO, João de Jesus. *A Poesia como Encantaria da Linguagem* (2007). Disponível em <https://paesloureiro.wordpress.com/2007/02/13/a-poesia-como-encantaria-da-linguagem>. Acesso em agosto de 2016.
- PAULA CARVALHO, José Carlos de. *Cultura da alma e mitanálise: imaginário, poesia e música*. Londrina: Editora da UEL, 2000.
- PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.
- PORTELA. *Enredo*. Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver esse rio passar. Disponível em <http://www.gresportela.org.br/Enredo>. 2017. Acesso em fevereiro de 2017.
- RONECKER, Jean-Paul. *O simbolismo animal - Mitos, Crenças, Lendas, Arquétipos, Folclore, Imaginário*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SILVA, Juremir Machado da. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SILVA, Luzia B. de Oliveira. O imaginário e os complexos imaginários na obra de Gilbert Durand. In: ALVES Fábio L. SHOEDER, Tânia Maria R. BARROS, Ana Taís M. Portanova. *Diálogos com o Imaginário*. Curitiba: Editora CRV, 2014.
- UMEDA, Guilherme Mirage. *Música Sonora ou o mito inscrito no corpo: considerações sobre mito, música e imaginação*. In GOMES, Eunice Simões Lins (org). *Em busca do mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

Artigo recebido em: 12/06/17

Artigo aceito em: 29/07/17